

DIÁLOGOS CONTEMPORÂNEOS, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA NAS LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

O presente dossiê continua a contemplar artigos científicos alicerçados na temática *Confluências e sendas literárias*: perspectivas e diálogos nas literaturas de língua portuguesa, explorando os múltiplos diálogos possíveis nas literaturas de língua portuguesa e a relação entre memória e resistências, assim como as intersecções entre literatura e sociedade. A resistência, seja por meio da recuperação de vozes femininas ou da reinterpretação do espaço colonial, emerge como força central que perpassa os textos lidos criticamente.

Nessa estrada argumentativa, interroga-se o conceito de memória (individual, coletiva, colonial), proporcionando um olhar crítico sobre o passado e suas reverberações no presente. Surgem questões como o cosmopolitismo, o feminismo, a memória colonial e a representação da violência como temas presentes neste segundo volume do número 59 da *Itinerários – Revista de Literatura*. Por outro lado, em textos oriundos de heterogêneas pesquisas acadêmicas, evidencia-se a difícil missão de identificar, de sintetizar, de enquadrar e de apontar itinerários temáticos possíveis para os mais de trinta textos que compõem o primeiro volume e este segundo, pois cada um deles não abre somente uma confluência temática.

No primeiro volume, tratamos da poesia, mito e fábulas na tradição literária; intertextualidade, releituras, leituras comparativas; personagens e cultura oitocentista; literatura gótica e fantástica. Já este volume se alicerça em cinco eixos fundamentais: prosa contemporânea portuguesa; feminismo e resistência; memória colonial e narrativas pós-coloniais; autoficção; política e sociedade. O foco recai mais sobre a prosa, com suas implicações sociais e políticas, em abordagens que variam desde análises da representação feminina até o cosmopolitismo e a crítica pós-colonial, explorando tanto vozes esquecidas, consagradas quanto emergentes.

Assim, o presente dossiê aspira a iluminar não apenas as intersecções entre obras canônicas e marginais, mas também os diálogos entre diferentes gerações e perspectivas, criando espaço de confronto entre o passado literário e as demandas contemporâneas. Os artigos apresentados convidam a refletir sobre como as literaturas contemporâneas em língua portuguesa constituem um campo de tensões e possibilidades, principalmente, quando focalizamos o superlativo absoluto sintético “novíssima” adjetivando a ficção, o que acende possibilidades e limitações que o estudo do agora ocasiona.

Neste segundo volume do número 59 da *Itinerários – Revista de Literatura*, Renan Henrique Messias de Paulo, em “Cosmopolitismo e espaço habitado, em *‘Baiôa sem data para morrer*, de Rui Couceiro”, analisa a narrativa buscando elementos que enquadram o romance como cosmopolita. Além disso, perscruta o tom melancólico, sendo essa melancolia promovida pelo atraso e pelas relações sociais que se configuram entre as personagens principais.

No artigo “Uma história de amor: ‘Retrato de um jovem poeta’, de Dulce Maria Cardoso”, Alleid Ribeiro Machado enfoca a representação da velhice feminina, no conto “Retrato de um jovem poeta” de Dulce Maria Cardoso, investigando como a narrativa contribui para uma reflexão sobre o envelhecimento feminino e, de maneira mais ampla, sobre a condição das mulheres na velhice. Destaca também a presença da ironia como ferramenta discursiva na construção do enredo. Por fim, sugere a incorporação de uma abordagem simbólica para revelar as complexidades intrínsecas do enredo, ampliando a compreensão da narrativa e contribuindo para uma análise mais abrangente da temática estudada.

Também trabalhando com a produção de Dulce Maria Cardoso, Larissa Fonseca e Silva, em “O tédio contemporâneo nos romances de Dulce Maria Cardoso”, entende que essa sensação surge como um dos temas principais da romancista e funciona ironicamente como propulsor das atitudes das personagens, que vivem para gastar o tempo. Segundo a articulista, desde *Campo de sangue*, primeiro romance da autora, a questão do tédio permeia outras obras, ora relacionando-se aos dias imensos do período da infância ou, com mais frequência, associando-se aos dias sempre iguais tão retratados na literatura moderna a partir do século XIX.

Pâmera Ferreira, em “O foco da mulher saramaguiana que não cega: para além de um fio condutor da narrativa, um experimentar de resistência”, investiga a personagem mulher do médico, de *Ensaio sobre a cegueira*. Entende, como primeiro ponto, que o olhar dela permite ao autor realizar conexão profícua com a realidade que se intenciona passar para o leitor, visto que as cenas desse romance são intensamente descritivas e, embora haja um narrador em terceira pessoa, haveria uma distância maior entre essas entidades caso todos os personagens fossem cegos. Outro dado discorrido com base na personagem acontece quando aborda o despertar da possibilidade de um ponto de estranhamento, pois essa mulher enxerga a decrepitude humana, presencia o horror da imposição de poder por quem apenas por ter uma arma, mesmo cego, submeteu os confinados à humilhação e violência.

Entre os muitos caminhos possíveis para pensar a condição feminina, Aldinida Medeiros, no artigo “Mulheres e lutas em três romances de Carmen de Figueiredo”, estuda três romances de Carmen de Figueiredo: *Famintos* (1950), *Vinte anos de manicômio* (1951) e *Uma vida de mulher* (1950). A autora aborda como esses livros trazem questões relacionadas à sexualidade da mulher, dialogando com a liberdade e a igualdade de direitos almejadas nas lides feministas. Surgem como temas para

debate a sexualidade feminina, a mulher ante às dificuldades de inserção no mercado de trabalho e o comodismo autoritário dos homens.

Com “A transgressão de Júlia Mann: o valor da mulher na tradição patriarcal”, Jêssyka Silva Cardoso e Márcio Jean Fialho de Sousa abordam como, no século XIX, as mulheres enfrentaram desafios e restrições em uma sociedade patriarcal e machista, em que seus papéis eram rigidamente definidos e as contribuições das mulheres, frequentemente, subestimadas. Para tal, os autores olham para a produção de Teolinda Gersão, em específico, a obra *O Regresso de Júlia Mann a Paraty*, visto que a autora portuguesa mimitiza como Júlia Mann confrontou as normas sociais e reivindicou valores, contrariando as expectativas convencionais da sociedade alemã. O artigo aborda, portanto, a capacidade das mulheres de desafiar normas sociais opressivas, tendo como exemplo a figura de Júlia Mann, bem como analisa o valor da mulher em uma sociedade patriarcal.

Continuando no campo do feminino e dos feminismos, Michelle Thalyta Cavalcante Alves Pereira, no artigo “A mulher portuguesa na década 60 e seu lugar de fala no romance *Triunfo*, de Sara Beirão”, analisa *Triunfo* (1965), de Sarah Beirão, para discutir a representação da mulher portuguesa na década de 60 e as possibilidades de essas romperem com a tradição que limitava direitos. Por meio das reivindicações apresentadas no romance, tanto pela personagem Raquel, como por alguns de seus interlocutores, é possível observar que a voz autoral traz ênfase à autonomia feminina apesar do contexto patriarcal.

Focalizando um dos nomes-chave do feminismo em Portugal e uma das autoras de *Novas cartas portuguesas*, Kethlyn Sabrina Gomes Pippi e Raquel Trentin Oliveira, no artigo “Repetições e rupturas: performances femininas ao longo de três gerações, em *Maina Mendes*, de Maria Velho da Costa”, analisam as repetições e quebras nas performances das personagens femininas de três gerações de uma família portuguesa pertencente à burguesia do final do século XIX até meados do século XX. Buscam compreender o complexo e gradual processo de figuração das personagens femininas, as quais ora realizam repetições de comportamentos que cumprem a norma destinada às mulheres, atualizando e reificando a noção de gênero imperante naquele contexto, ora efetivam rupturas através da negação, em todo ou em partes, da adequação de seus comportamentos àquela norma social provocando, assim, desestabilidades.

Verticalizar entendimentos acerca das representações das mulheres implica, outrossim, pensar masculinidades, como o faz Márcio Aurélio Recchia, em “A figura paterna como representante do colonialismo português em África”. Cotejando romance e documentário, o autor aborda a produção da escritora Isabela Figueiredo e da documentarista Diana Andringa, sublinhando que ambas compartilham a experiência comum de terem nascido e crescido em antigas colônias portuguesas na África. Apesar de morarem em Portugal há muitos anos, as duas possuem forte ligação afetiva com as terras onde nasceram. Além disso, produziram obras dedi-

cadás à memória de seus pais, lidando com recordações de suas infâncias em territórios coloniais onde explorações e várias formas de violência eram amplamente praticadas contra as populações locais. Embora pertencessem a classes sociais distintas – o pai de Isabela Figueiredo era eletricista, enquanto de Diana Andringa, engenheiro –, ambos gozaram dos privilégios de gênero e de raça dentro de uma estrutura colonial opressora enraizada no racismo, o que refletia as políticas da metrópole.

Ainda investigando a produção de Isabela Figueiredo e trazendo para a discussão outra autora da novíssima ficção portuguesa, Penélope Eiko Aragaki Salles, em “As representações da violência em Isabela Figueiredo e Judite Canha Fernandes”, problematiza a forma como, ao longo dos séculos, a violência foi minimizada e aceita pela sociedade lusitana. Cotejando o *Caderno de memórias coloniais* (2009), de Isabela Figueiredo, e o romance *Um passo para sul* (2018), de Judite Canha Fernandes, a pesquisadora investiga como algumas práticas violentas nessas antigas colônias, especificamente, em Moçambique e no arquipélago de Cabo Verde, foram toleradas e naturalizadas pela sociedade portuguesa.

No processo de dar voz e visibilidade aos esquecidos do cânone, Brunno Vinicius Gonçalves Vieira lança luz sobre a obra da escritora brasileira Maria Firmina dos Reis, em “*Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis: o que fala ou cala em uma obra afro-brasileira”. O artigo oferece panorama do momento literário de São Luís do Maranhão, a “Athenas Brasileira”, desde o início do século XIX até a publicação de *Úrsula* (1859). Com base na delimitação desse espaço de literatura brasileira e de tradução de literatura estrangeira, identifica alguns modelos estilísticos e temáticos com os quais Maria Firmina dos Reis dialoga, estabelecendo aproximações sobre a origem da dicção produzida no romance, bem como sobre a contradição (ou contradicção) que a autora constrói a fim de reinventar intertextos no horizonte de sua crítica à sociedade patriarcal e ao sistema escravocrata. Realça também o silenciamento sobre Maria Firmina dos Reis e *Úrsula*, especialmente, no contexto imediato. O pesquisador frisa que, embora a autora maneje artificiosa o erudito veio estilístico de seu tempo, a exclusão do meio literário revela as ideologias coloniais dominantes, o que coloca em xeque a real vigência de ideais educativos e culturais iluministas no período.

Rosemary Gonçalo Afonso, em “Ao encontro do autor: Saramago e Peixoto no romance *Autobiografia*”, demonstra como o escritor português José Luís Peixoto traz para o seu universo ficcional José Saramago. A narrativa, que percorre explicita e implicitamente a obra de José Saramago, gira em torno da angústia provocada em um jovem escritor pelo desafio de publicar um segundo romance, que confirmasse seu talento, enquanto tenta cumprir a tarefa de biografar o consagrado colega.

Em “Retornar e partir: uma análise crítica do conto ‘George’, de Maria Judite de Carvalho”, Marcela Ansaloni de Azevedo realiza leitura crítica do conto “George”, cuja narrativa retrata a solidão da mulher contemporânea. Encontramos

um narrador testemunhando o retorno de George à sua terra natal, onde ela se reencontra e se despede de uma parte de sua vida, em uma mistura de memória, imaginação e realidade. Ao longo da trama, o conto revela as pressões familiares e sociais que restringem a liberdade de escolha de George, demonstrando a influência do meio social em sua trajetória e a tentativa de limitação de sua autonomia. É através da venda da casa herdada que a personagem se liberta, abrindo espaço para novas possibilidades.

Perspectivando a novíssima ficção portuguesa contemporânea, Thaila Moura Cabral, em “Novíssima ficção portuguesa: uma leitura sobre *Grande Turismo*, de João Pedro Vala”, aborda a obra de estreia do autor João Pedro Vala, que problematiza o âmbito do gênero textual já pela frase da capa: “provavelmente um romance”. Ao analisar a estrutura da obra em estudo, nota que a divisão dos capítulos sugere uma coleção de contos centrados no narrador-personagem, João Pedro Vala; no entanto, a leitura conjunta desses capítulos aponta uma complexidade que transcende essa estrutura. Destaca ainda questões voltadas à autoficção, à identidade e ao pensar sobre o ofício da escrita como uma constante na narrativa.

Diante do incontornável José Saramago, Mateus Roque da Silva, em “O humanista Saramago: por uma poética sensível acerca da política, da democracia e dos direitos humanos”, parte de uma frase presente na entrevista dada pelo escrito, no ano de 2003, ao jornal *O Globo*, qual seja: “sem democracia não pode haver direitos humanos, mas sem direitos humanos também não pode haver democracia. [Contudo], estamos numa situação em que se fala muito de democracia e nada de direitos humanos”. Com base nesse entendimento, o autor aborda como a fala do escritor português não soa apenas como alerta de perigo, antes disso, convoca para uma reflexão crítica e, certamente, conjunta acerca da política global e da própria promoção dos direitos humanos.

Por fim, André Carneiro Ramos, em “Qualquer coisa que signifique: o protagonismo da linguagem no romance *Ecologia*, de Joana Bértholo”, propõe uma leitura do romance *Ecologia*, de Joana Bértholo, explorando a utilização de experimentações intersemióticas das mais diversas, como *QR codes*, *emojis*, fotografias e simulações operacionais de computador. Tais elementos, na instância narrativa, atribuem à linguagem um tom de substancial protagonismo, com vistas à construção de uma reflexiva distopia. Contudo, na contracorrente disso tudo, a literatura ainda resistiria como um dos últimos territórios em que a cognição e a liberdade se resguardariam.

Fechando o dossiê, Andressa Cristina de Oliveira, na seção *Varia*, analisa a obra japonesa *Taketori monogatari*, texto datado do período Heian - 794 a 1185, em “*Taketori monogatari*: um breve estudo comparativo entre a narrativa e a animação”. Em chave comparativa, o artigo objetiva verificar as considerações sobre a relação originária entre mito e literatura e analisar as estruturas simbólicas possíveis de serem emergidas das obras.

Rodrigo Valverde Denubila, Paulo César Andrade da Silva e Jorge Vicente Valentim

Boa leitura!

*Rodrigo Valverde Denubila
Paulo César Andrade da Silva
Jorge Vicente Valentim*

